



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

### Passaio pelo Guará

O Guará viralizou nos últimos dias e ficou famoso no Brasil e no mundo. Não entrarei no mérito, darei apenas os meus pitacos sobre o simpático bairro, quase emendado no Plano Piloto, com a ajuda de meus consultores e consultoras. Segundo uma delas, o Guará é, de certa maneira, guardadas as devidas proporções, quase uma extensão do Lago Sul, não geográfica, mas de perfil social e econômico.

E ela justifica: lá, é possível encontrar casas de alto padrão comparáveis ao bairro do Plano Piloto. Mas, na verdade, existem nuances, gradações e singularidades. A mais marcante é a chamada bomba, me disse uma guaranaense da gema, que nasceu e cresceu no bairro. “Que bomba?”, perguntei. E ela fez uma cara de incredulidade como se tivesse avistado um ser extraterrestre, com um olho no meio da testa. “Não, não acredito que você nunca comeu uma bomba!!!”

Para os ignaros como eu, explico que bomba é uma megasanduíche onde cabe quase tudo de ruim, mas é uma delícia irresistível: hambúrguer, presunto, ovo, maionese, salsicha, queijo, alface, tomate, bacon, milho, batata palha, pasta de alho e ervilha.

É a marca registrada do Guará. Cada barzinho ou boteco se esmera em inventar condimentos personalizados. A cultura da bomba está plantada em cada esquina. E também a da jantinha, prato que vem do espeto com alguma carne, arroz, tropeiro e vinagrete. E, ainda, a de tomar café, com pão na chapa, nas infindáveis padarias. A chamada padoca é uma instituição no Guará.

Um dos endereços mais frequentados para as bombas é o buteco do Bigode. O litrão de cerveja custa R\$ 15. Todas as segundas-feiras, o dono oferece churrasquinho de graça, não se sabe se por generosidade ou ardileza de marketing. Vamos comer carne e tomar uma cerveja no Bigode é uma das senhas dos guaranaenses jovens. Outro é o Bar do Iraldi, que abre às 22h e vira a

madrugada. No cardápio não tem comida; só tem bebida.

E vem gente do Lago Sul para beber e conversar até raiar a alvorada brasileira naquele boteco democrático. Realmente, a vida noturna do Plano Piloto só costuma ir até às 22h ou 23h. O Guará balança no ritmo do reggae. É o lugar do DF que cultiva mais o ritmo jamaicano por metro quadrado de bar.

Nas poucas vezes em que estive no Guará para comprar peixe ou camarão na famosa feira tive a impressão de ser uma cidade bucólica e tranquila. “Só não passe pela Quadra 38 porque é muito perigosa”, me alertaram. Na feira, os nordestinos e os nortistas encontram as farinhas e os frutos do mar frescos, com que, exilados no planalto, cultivam o gosto dos sabores regionais. Famílias

paraenses matam a saudade da farinha “da baguda” por lá. É na feira que muitos tomaram, pela primeira vez, o Guaraná Jesus, importado do Maranhão.

As crianças, os jovens e os idosos vivem muito nas ruas e praças. Sempre tem muita gente brincando, passeando de bicicleta, caminhando com cachorro ou jogando partidas de dominó ou truco nas rodinhas de conversa. Em Taguatinga, por exemplo, também existem praças, mas elas costumam ficar às moscas. O Guará é uma cidade-bairro com ar de vila bucólica. Uma das minhas jovens consultoras, nascida e crescida no bairro, jura que, se alguém perguntasse a ela, em qual lugar gostaria de morar, se pudesse escolher, sem se preocupar se teria dinheiro para comprar, ela responderia: no Guará, é claro.

A modalidade consolida espaço nas eleições brasileiras. TSE, agora, permite o registro de candidaturas com menção ao grupo de apoiadores da campanha. No DF, até o momento, três legendas pediram inscrições para nove chapas

# Candidatos apostam em força de coletivos



» ARTHUR DE SOUZA

A tendência de disputar os mandatos proporcionais por meio de coletivos veio para ficar. Um levantamento realizado pelo **Correio** constata que, nas próximas eleições do Distrito Federal, pelo menos nove candidaturas apostam no modelo de participação compartilhada para as câmaras distrital e dos deputados federais. Os dados são do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que recebeu nove pedidos de registro da modalidade, o mesmo número do último pleito, em 2018.

Como o prazo para as apresentações de candidatura segue até segunda-feira, dia 15, até o momento, o Tribunal conta com seis candidaturas coletivas para deputado distrital e três para deputado federal. Embora a legislação tenha avançado para contemplar esse tipo de participação política, na prática, apenas uma pessoa assume o cargo, portanto, é possível que, informalmente, existam outras candidaturas plurais, mesmo que não exista uma comunicação formal.

As candidaturas coletivas existem, extra-oficialmente, desde a década de 1990, como explica o advogado eleitoral Fernando Sousa. Para o especialista, a dinâmica do modelo é construir, colaborativamente, as pautas que serão defendidas durante o mandato. “É um modelo que vem crescendo, inclusive para candidaturas majoritárias”, destaca.

Mesmo não existindo formalmente, as candidaturas não são ilegais, tanto que, durante uma sessão plenária do TSE, em dezembro do ano passado, houve atualização do Art. 35 da Resolução nº 23.609, que trata sobre as candidaturas coletivas. No novo texto, fica autorizado a menção do grupo ou coletivo de apoiadores na composição do nome da candidata ou do candidato. No entanto, o ministro Luiz Edson Fachin, na época vice-presidente do órgão e relator do caso, reforçou que o registro permanece de caráter individual. “A chamada candidatura coletiva representa apenas um formato da promoção da candidatura que permite à pessoa destacar seu engajamento social e coletivo”, destacou, em seu discurso.

É justamente o que Fernando salienta. “Somente uma pessoa é eleita, toma posse, tem direito a votar (nas sessões) e detém todos os direitos e deveres perante à casa que vai pertencer”. Sobre a mecânica de um mandato coletivo, o especialista afirma que existem casos que funcionam muito bem. “Cada membro fica responsável por uma pauta e, quando há divergência, resolvem entre si”, frisa. “Mas também tem exemplos em que ocorrem racha, e o detentor (do cargo) acaba impondo sua vontade, visto que somente ele responde pelo mandato legalmente”, pondera.

Fernando avalia que as candidaturas coletivas são uma tentativa orgânica, que estão em pleno crescimento. “Tem tudo para dar certo, afinal, em uma democracia representativa, quanto maior a representação, melhor”, considera.

#### Luta coletiva

Maria Eduarda Krasny (Madu) é cabeça da chapa Madu Mulheres de Todas as Lutas (PSol), que disputará, pela primeira vez, um

Arquivo pessoal



Integrantes da chapa Mulheres de Todas as Lutas (PSol); candidatura é liderada por Maria Eduarda (centro), que concorre pela primeira vez

Instagram @hellenfridaf



O coletivo Somos Hellen Frida se posiciona como ecofeminista

cargo na Câmara dos Deputados. Ela conta que a ideia surgiu após o grupo constatar que as mulheres trabalhadoras estão pouco representadas nos espaços de tomadas de decisão.

A chapa Madu Mulheres de Todas as Lutas é formada por duas mulheres trans negras, Madu Krasny e Ludymilla Santiago, uma indígena, Larissa Pankararu, uma advogada popular ecossocialista, Amanda Leite, e uma enfermeira e mãe, Karine Afonseca. Em relação ao processo de definição dos

nomes que iriam compor a chapa, Madu destaca que é seguido o princípio do feminismo para os 99%: antipatriarcalista, antirracista, antilgbtóbico, transinclusivo e ecossocialista. Assim, segundo a candidata, o partido decidiu unir mulheres que já têm trajetória de luta. “Cada uma dessas mulheres traz consigo uma bagagem enorme, de luta e de atuação em suas respectivas áreas”, frisa.

Sobre o nome registrado junto ao TSE, Madu justifica que a decisão foi tomada como forma

de reforçar a coletividade da proposta. “Queremos contrapor a lógica do individualismo de se fazer política, levando para o parlamento a metodologia da coletividade e da organização de lutas coletivas”, ressalta. Ela defende que diversos saberes e experiências unificadas garantirão os direitos sociais e econômicos da maioria dos trabalhadores brasileiros. “Assim como poderemos ter mais sucesso na aprovação de leis em favor das trabalhadoras brasileiras”, observa.

#### Apoio total

Concorrendo a uma das cadeiras da Câmara Legislativa (CLDF), o Coletivo Somos Hellen Frida, Cris do Coletivação e Prof Lêda Coletiva Chão disputam pelo Partido dos Trabalhadores (PT). O presidente local da legenda, Jacy Afonso, ressalta que este tipo de mandato não é uma novidade política, no entanto, este ano, será a primeira vez que o partido apresenta tais candidaturas: “Incorporamos essas três candidaturas e vamos apoiá-las. Nós acreditamos no potencial de todas as candidatas. Achamos importante ter essa representatividade na política do DF”, comenta.

Sobre o tipo de pauta que as candidaturas coletivas devem representar na CLDF, Jacy enfatiza

#### Deputado Distrital

- Coletiva Somos Hellen Frida (PT) — 13180
- Professora Lêda Coletiva Chão (PT) — 65123
- Coletivo Comuns E Prof. Elias (Pc do B) — 13613
- Cris Do Coletivação (PT) — 13613
- Verônica Goulart Coletivo Bichos (Pc do B) — 13000
- Mandata Feminista Bem Viver Be (PSol) — 65555

#### Deputado Federal

- Madu Mulheres De Todas Lutas (PSol) — 5088
- Mandato Coletivo Bem Viver Thi (PSol) — 5099
- Miranda Coletiva Afroindígena (Rede) — 1881
- \*até às 17h20 de ontem

que não haverá distinção entre os tipos. “Só podemos ter uma resposta a partir das eleições. A luta, tanto das candidaturas individuais quanto das coletivas, será a mesma, caso sejam eleitas”, acredita.

#### Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: [cidades.df@dabr.com.br](mailto:cidades.df@dabr.com.br)

#### Sepultamentos realizados em 12 de agosto de 2022.

##### » Campo da Esperança

Antônio Sérgio Araújo Santos, 75 anos  
Flávio Albuquerque de Alcântara, 83 anos  
Helen Cecília Rodrigues do Carmo, menos de 1 ano  
Helena Beatriz Rodrigues do Carmo, menos de 1 ano  
Ilda Pires da Silva, 87 anos  
Kael Dantas Lemes, 1 ano

Marcelo Coelho da Silva, 47 anos  
Renata da Silva Pain, 39 anos  
Silnei da Silva, 74 anos  
Soraya Amora Fraiz, 53 anos

##### » Brazlândia

Maria Correia Alves Pereira, 72 anos

##### » Gama

Edilson Souza, 64 anos

Manoel Dias Torres, 90 anos  
Manoel Santana Mateus, 60 anos

##### » Planaltina

Luzenira Agostinho Lopes, 52 anos

##### » Sobradinho

Bruno Ariel Carvalho da Silva, 12 anos

##### » Taguatinga

Bernardo Henrique Magalhães Gomes, menos de 1 ano  
Euripedes Sípriano Oliveira, 50 anos  
Geovanna Cristina Silva Ribeiro, 36 anos  
Geralda Maria de Jesus, 67 anos  
Icaro Silva Nazário, menos de 1 ano

José Francisco dos Santos, 74 anos  
Joyce Elizabeth Guimarães Maia Riso, 69 anos  
Judite de Souza Araújo, 70 anos  
Maria da Conceição Fontenele de Araújo, 69 anos  
Maria da Cruz Nunes Santos, 67 anos  
Maria de Lourdes Santos, 76 anos  
Larissa Helena Cardoso de Noronha, menos de 1 ano

Ricardo Pereira da Silva, 45 anos  
Tereza Josina Roberto, 79 anos  
Theo Alberto Bruno Limberg Gomes, 25 anos  
Vanderlei Gonçalves da Silva, 67 anos

##### » Jardim Metropolitano

Ada Puida, 77 anos  
Nair Veras Neiva, 95 anos  
Oswaldo Clemente Cayres, 77 anos